

A USINA HENRY BORDEN E A REVOLUÇÃO DE 1932

Por Danieli Giovanini, Historiadora e Analista de Documentação e Pesquisa da Fundação Energia e Saneamento

Em 2020, se completam 88 anos da Revolução de 1932. Esse evento histórico nasceu de uma crise entre o Estado de São Paulo e o governo federal, resultando em um sangrento embate bélico. Nesse contexto, você sabia que uma das táticas utilizadas pelo Governo Vargas para forçar a rendição paulista foi o bombardeio da Usina Henry Borden, na época Usina de Cubatão?

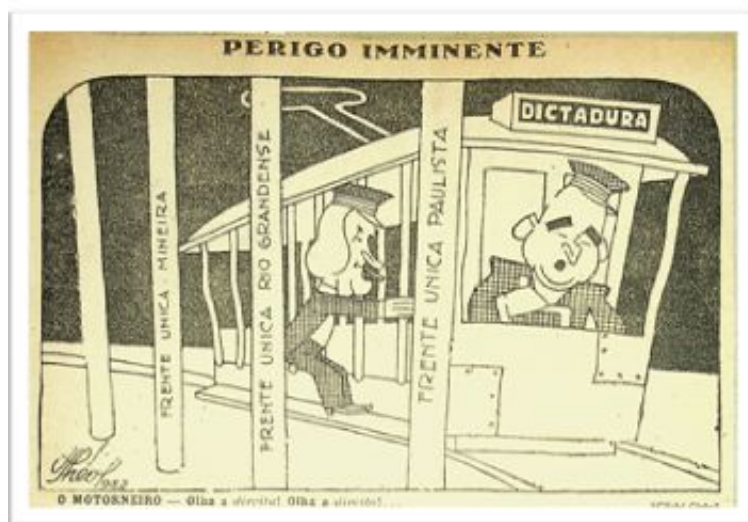
Para entender um pouco mais dessa história, é interessante voltarmos à própria Revolução de 1932, um evento antagônico em sua origem, voltado ao mesmo tempo para o passado e o futuro, buscando a retomada do papel de destaque da elite paulista no cenário político e econômico brasileiro, mas defendendo a democracia liberal através da defesa da bandeira da Assembleia Nacional Constituinte.

O conflito dos paulistas com Getúlio Vargas teve origem na própria ascensão do político ao poder de forma antidemocrática, se agravando em outubro de 1930, após a nomeação do “Tenente”¹ João Alberto Lins de Barros como Interventor de São Paulo. Os paulistas, até então protagonistas na política “café com leite”, foram afastados para um papel coadjuvante, até mesmo nas decisões das exportações de café. Outros estados também estavam descontentes, como Minas Gerais e Rio Grande do Sul, com manifestações pró-Constituinte e contra o prolongamento do Governo Provisório, mas o grande adversário de Vargas era São Paulo.

Até o início de 1932, Vargas se viu forçado a nomear três Interventores diferentes para São Paulo. Em março, dando um passo para pacificar os ânimos paulistas, Vargas nomeou um interventor civil e paulista, Pedro de Toledo. Porém, em 23 de maio, houve grande manifestação popular contra o Interventor, com resposta violenta do governo de São Paulo, terminando com a morte de quatro jovens, Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo, cujas iniciais – MMDC –, foram imortalizadas como símbolo dos revolucionários.

¹ João Alberto Lins de Barros participou do Tenentismo, movimento rebelde, de cunho político-militar, organizado por jovens oficiais de baixa e média patente do Exército Brasileiro (tenentes) descontentes República Velha, na década de 1920.

Claro que nem todos os paulistas se identificavam com os ideais separatistas dos mais radicais, entretanto havia consenso na oposição ao Governo Vargas e na defesa da bandeira constitucional e da convocação de novas eleições, sendo, por isso, o conflito conhecido como Revolução Constitucionalista de 1932.



Uma imagem comum da época comparava São Paulo a uma locomotiva, que puxava os demais estados da federação. Charge publicada no jornal *O Globo*, em 8 de julho 1932.

Álbum de clipping ELE.RPU.MPI.0126.073, da série Matérias Publicadas na Imprensa.

Fonte: Acervo Fundação Energia e Saneamento

Em 9 de julho, 20 mil soldados, entre guarnições federais e as unidades da Força Pública, iniciaram a revolta armada contra o governo federal. Houve mobilização de diferentes setores da sociedade, que abraçaram a causa, principalmente na capital, com o alistamento de voluntários, adaptação de fábricas à indústria de guerra e mulheres da elite doando jóias para os custos da guerra. Já a classe operária, embora tenha articulado greves no primeiro semestre de 1932, ficou à margem dos acontecimentos, já que não havia nenhuma atenção às suas demandas. Além de não aderirem à guerra, foram mantidos no seu dia a dia de trabalho, sob o controle das elites.

O plano dos rebeldes era uma ofensiva militar rápida contra o Rio de Janeiro, esperando que os mineiros e gaúchos se juntassem a eles. A guerra começou bem para os paulistas, com os rebeldes controlando o estado de São Paulo e os acessos ao Vale do Paraíba. Porém, apesar das divergências com o governo federal, as elites de Minas Gerais e Rio Grande do Sul não se dispuseram a correr o risco de enfrentar, por meio de uma rebelião armada, um governo que tinham ajudado a chegar ao poder dois anos antes. Assim, o plano falhou e São Paulo se viu sozinho no conflito, com seus potenciais aliados contra si.



Trincheiras no setor Sul, na Revolução de 1932. 1932. Notação: REV32.001.306.
Acervo Fundação Energia e Saneamento

A resposta de Getúlio foi forte, sufocando qualquer tentativa de ação militar contra si e contra a capital federal, o Rio de Janeiro. São Paulo foi cercada por terra e por mar, com o bloqueio do Porto de Santos, e forte artilharia foi utilizada em bombardeios sobre as trincheiras dos rebeldes. A luta foi muito desigual, com cerca de 40 mil rebeldes, em sua maioria sem treinamento e com pouco armamento, contra 300 mil soldados do governo federal, armados e bem treinados. Os paulistas tentaram suprir as deficiências bélicas utilizando recursos de seu Parque Industrial e até mesmo com a compra secreta, e extremamente articulada, de dez aviões de combate do Chile e contratando pilotos norte-americanos para trazê-los a São Paulo.



Tenente Motta Lima junto ao seu observador aéreo. Atrás, alguns dos aviões utilizados pelos rebeldes. 1932. Notação: REV32.002.054. Acervo Fundação Energia e Saneamento

Uma das táticas adotadas pelo Governo Vargas foi interromper o fornecimento de energia, através do bombardeio da Usina de Cubatão, na época a maior usina paulista, responsável pelo abastecimento direto de energia a São Paulo.



Vista geral da Usina de Cubatão. 22/12/1927. Notação: ELE.CEI.SDM.013.011. Acervo Fundação Energia e Saneamento

A Usina Henry Borden, originalmente nomeada Usina de Cubatão, foi construída para ampliar a produção de energia elétrica após a crise energética de 1923-25, originada pelo aumento da demanda, concomitante com um período grave de estiagem. A Usina fez parte das obras do Projeto da Serra, desenvolvido no período entre 1925 e 1961, liderado pelo engenheiro Asa White Kenney Billings. O projeto contemplou estudos sobre as condições na Serra do Mar para aproveitamento energético das águas, através do represamento do Rio Grande, para abastecer um reservatório em conjunto com o Rio das Pedras (atual Billings). Assim, a água represada no alto da Serra do Mar acionaria a Usina, a partir da criação de uma queda d'água artificial. O complexo da Usina Henry Borden conta com duas usinas de alta queda, sendo uma externa e outra subterrânea, inauguradas, respectivamente, em 1926 e 1956.

Na época da Revolução, a Usina Henry Borden foi alvo do governo federal por abastecer São Paulo diretamente, visando pressionar os rebeldes e interromper o abastecimento de energia para as fábricas adaptadas em indústrias de guerra e, com isso, cessar a produção e o fornecimento das tropas paulistas. No dia 29 de julho, a Usina

Henry Borden foi atingida por bombas lançadas por aviões do governo federal. A Light divulgou um comunicado sobre o bombardeio em jornais.



Comunicado da Light no jornal *Folha da Noite*, de 5 de agosto de 1932, em protesto ao bombardeio acontecido em 29 de julho de 1932. Álbum de clipping ELE.RPU.MPI.0128.139, da série Matérias Publicadas na Imprensa. Fonte: Acervo Fundação Energia e Saneamento

O bombardeio foi noticiado pelo jornal *A Gazeta* no dia seguinte ao evento, por meio de correspondente especial, que conversou com os empregados da Usina e descreveu com certo horror o desrespeito às leis de guerras por meio do bombardeio. É importante lembrar que a Lei Internacional, embora tenha tido maiores evoluções pós-Segunda Guerra Mundial (1939-1945), na época da Revolução de 1932 proibia sofrimentos desnecessários aos soldados combatentes ou à população civil, entendendo que a batalha era restrita às trincheiras. Esse conceito mudou após a sangrenta Guerra Civil Espanhola (1936-1939), estabelecendo o conceito de guerra total².

² O conceito de guerra total é aplicado quando não existe diferença entre combatentes (soldados) e não combatentes (civis), considerando todos como parte da força de guerra inimiga e, portanto, alvos inimigos.



Trecho da reportagem do Jornal *A Gazeta*, de 30 de julho de 1932. Álbum de clipping ELE.RPU.MPI.0647.137, da série Matérias Publicadas na Imprensa. Fonte: Acervo Fundação Energia e Saneamento

A Revolução de 1932 durou três meses e a rendição foi assinada em 1º de outubro, com a derrota dos rebeldes. Ao fim do conflito, o número oficial de mortos entre os derrotados foi de 601, porém pode ter sido ainda maior, cerca de mil vidas perdidas. Vargas, com seu populismo característico, saiu vencedor, mas negociou com os derrotados, reconhecendo a impossibilidade de continuar a ignorar a elite paulista. Ao mesmo tempo em que ordenou que os rebeldes fossem presos, expulsou os membros do Exército, cassou direitos civis das principais lideranças, exilou os líderes políticos e militares e mandou reorganizar a Força Pública, a reduzindo a órgão policial. Vargas também nomeou Armando de Sales Oliveira como Interventor de São Paulo (sendo ele civil e paulista), instruiu o Banco do Brasil a assumir os bônus de guerra emitidos pelos bancos paulistas e confirmou a convocação da Assembleia Constituinte, fixando calendário eleitoral para o ano seguinte.

O resultado foi a promulgação da nova Constituição Federal em 14 de julho de 1934 e, um dia depois, Getúlio Vargas foi eleito Presidente pelo voto indireto pela mesma Assembleia, devendo ficar no poder até maio de 1938. O país voltou para a legalidade,

como defendido pelos revolucionários, mas apenas até 1937, com o golpe do Estado Novo. Mas essa já é uma outra história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

A LIGHT protesta contra o bombardeio do Cubatão. **Folha da Noite**, 5 ago. 1932. In: THE SÃO PAULO TRAMWAY, LIGHT AND POWER COMPANY (compil.). Álbum de clippings 0126, Fundo Eletropaulo, série Matérias Publicadas em Imprensa; ELE.RPU.MPI.0128 (Fundação Energia e Saneamento, São Paulo). 1932. p. 136. Disponível em: <http://acervo.energiaesaneamento.org.br/consulta/AbriuArquivo.aspx?ID=19257>. Acesso em: 12 jun. 2020.

BARRETO, Benjamin Franklin de Barros. **Usina subterrânea de Cubatão: contribuição para o desenvolvimento da produção de energia elétrica**. São Paulo: Revista Engenharia, 1953.

CAVALCANTI, Pedro. **O centro e seus políticos**. In: CAVALCANTI, Pedro; DELION, Luciano. São Paulo: a juventude do centro. São Paulo: Grifo Projetos Históricos e Editoriais, 2004, p. 89-116.

CUSTÓDIO, Vanderli. **O abastecimento de água: das bicas à Sabesp**. In: CAMARGO, Ana Maria de Almeida (coord.) São Paulo, metrópole em mosaico. São Paulo: CIEE, 2010, p. 209-225.

ENTRE São Paulo e Santos. **O Jornal**, 27 jul. 1928. In: THE SÃO PAULO TRAMWAY, LIGHT AND POWER COMPANY (compil.). Álbum de clippings 0071, Fundo Eletropaulo, série Matérias Publicadas em Imprensa; ELE.RPU.MPI.0071 (Fundação Energia e Saneamento, São Paulo). 1928. p. 122. Disponível em: <http://acervo.energiaesaneamento.org.br/consulta/AbriuArquivo.aspx?ID=18877>. Acesso em: 12 jun. 2020.

FAUSTO, Boris. **O estado getulista (1930-1945)**. In: FAUSTO, Boris. História concisa do Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, p. 185-217.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Movimento Tenentista**. Rio de Janeiro: CPDOC FGV, 2020. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/CrisePolitica/MovimentoTenentista>. Acesso em: 8 jun. 2020.

OS AVIÕES da ditadura atiraram mais bombas sobre o Cubatão. **A Gazeta**, 30 jul. 1932. In: THE SÃO PAULO TRAMWAY, LIGHT AND POWER COMPANY (compil.). Álbum de clippings 0647, Fundo Eletropaulo, série Matérias Publicadas em Imprensa; ELE.RPU.MPI.0647 (Fundação Energia e Saneamento, São Paulo). 1932. p. 137. Disponível em:

<http://acervo.energiaesaneamento.org.br/consulta/AbrirArquivo.aspx?ID=28889>. Acesso em: 12 jun. 2020.

PERIGO imminente. **O Globo**, 8 jul. 1932. In: THE SÃO PAULO TRAMWAY, LIGHT AND POWER COMPANY (compil.). Álbum de clippings 0126, Fundo Eletropaulo, série Matérias Publicadas em Imprensa; ELE.RPU.MPI.0126 (Fundação Energia e Saneamento, São Paulo). 1932. p. 73. Disponível em: <http://acervo.energiaesaneamento.org.br/consulta/AbrirArquivo.aspx?ID=19319>. Acesso em: 12 jun. 2020.

RIBEIRO, Antônio Sérgio. **A Revolução Paulista de 1932**. São Paulo: Alesp, 2011. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=297456>>. Acesso em: 5 jun. 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Samba, malandragem e muito autoritarismo na gênese do Brasil Moderno**. In SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. Brasil: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 351-385.